

GRANDES CHEFES DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

COORDENAÇÃO DE

ERNESTO CASTRO LEAL
E JOSÉ PEDRO ZÚQUETE



Texto

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I O Chefe Lusitano	15
José de Almeida	
CAPÍTULO II O Chefe Militar	41
João Gouveia Monteiro	
CAPÍTULO III O Chefe Judaico	63
Nachman Falbel	
CAPÍTULO IV O Chefe Aventureiro	85
António dos Santos Pereira	
CAPÍTULO V O Chefe Jesuíta	107
António Júlio Trigueiros	
CAPÍTULO VI O Chefe Luso-brasileiro	125
Miriam Dolhnikoff	
CAPÍTULO VII O Chefe Liberal	149
Manuel M. Cardoso Leal	
CAPÍTULO VIII O Chefe Maçónico	169
António Ventura	

CAPÍTULO IX	A Chefe Feminista	193
	Manuela Tavares	
CAPÍTULO X	O Chefe Republicano	205
	Ernesto Castro Leal	
CAPÍTULO XI	O Chefe Fascista	237
	Eduardo Cintra Torres	
CAPÍTULO XII	O Chefe na Extrema-direita	265
	Riccardo Marchi	
CAPÍTULO XIII	O Chefe Comunista	287
	Rui Bebianco e Miguel Cardina	
CAPÍTULO XIV	O Chefe Diplomático	311
	Bruno Cardoso Reis	
CAPÍTULO XV	O Chefe Constitucional	335
	Paulo Ferreira da Cunha	
CAPÍTULO XVI	O Chefe Imaginário	355
	José Pedro Zúquete	
LISTA DE AUTORES	402
ÍNDICE REMISSIVO	404

CAPÍTULO I

O CHEFE LUSITANO

JOSÉ DE ALMEIDA

VIRIATO HERÓI OU O MITO DA ANTEMANHÃ

«A Pátria está na liberdade e a riqueza mais segura no valor de cada um.»

Viriato citado por Diodoro Sículo (*Hist. Lib.*, XXXIII).

Tal como D. Afonso Henriques, Nuno Álvares Pereira, o infante D. Henrique, D. João II, entre outros líderes incontestados da nossa história, também Viriato alimenta, segundo as palavras de Mendes Corrêa, aquela «chama sagrada que arde no altar da pátria»¹, vivificando a memória e o culto das nossas mais gloriosas figuras. Elemento precursor de uma mitogénese de Portugal, Viriato impõe-se na memória histórica pela ténpera, carisma, forte personalidade e génio que lhe foram atribuídos. Traços definidores de um líder que, antagonizando-se face ao invasor romano e à potência bélica dos seus exércitos e generais, procurou libertar a grande Hispânia, encarnando ainda hoje, decorridos mais de 2000 anos, o arquétipo do herói, mantendo-se vivo na memória colectiva dos vários povos que reclamam a sua herança.

¹ Schulten (1927: 15).

Conforme constatou Álvaro Ribeiro, no seu texto de introdução à edição portuguesa da obra *Os Heróis*, Thomas Carlyle fez uma leitura crítica e atenta dos alvares da contemporaneidade, apontando a substituição do princípio associativo e corporativo pelo princípio contratual, como um dos principais factores da decadência dos povos. O positivismo e o cientismo ganhavam terreno e protagonizavam, em meados do século XIX, um lugar de destaque na criação de todo um novo paradigma, voltado para uma certa perspectivação de modernidade assente num conceito de liberdade nascido à luz do espírito das Revoluções Atlânticas. Esta perspectivação de modernidade, condicionada pela sua estrutura homogeneizadora é, segundo o autor escocês e, posteriormente, pelo filósofo português, um factor condicionador da pessoa, anulando as liberdades, as iniciativas e os valores responsáveis pelo engrandecimento das pátrias, assim como pela própria remissão da humanidade. O conceito de liberdade forjado pelo positivismo acaba por traduzir-se num sinónimo de supressão através da imperfeita uniformização, ensaiada pelos ilusórios princípios de igualdade e causalidade. A penetração de um paradigma positivista afecto ao cientismo em Portugal, logo a partir do século XVIII, contaminou rapidamente uma grande parte do nosso escol intelectual, posteriormente apelidado de estrangeirado, mas até esse acabou por estranhar e rejeitar, de uma forma directa ou indirecta, os novos dogmas da Razão, localizados nos antípodas da tradição portuguesa.

Viriato, enquanto herói mítico, não foi alvo da análise de Thomas Carlyle no seu célebre livro *Os Heróis*. Se tal tivesse acontecido, os seus resultados teriam sido por certo distintos daqueles a que chegaram Alexandre Herculano, Oliveira Martins ou, até mesmo, Alfredo Pimenta, todos partidários de teses contrárias a uma perspectiva vinculadora de uma hereditariedade lusitana por parte do povo português, olhado identitariamente como descendente dos lusitanos. Não obstante algumas clivagens fomentadas pela historiografia contemporânea, a tradição encarregou-se de alimentar durante séculos a criação da imagem arquetípica de um Viriato herói e líder do povo lusitano. Aquele cujas gentes não se governavam nem deixavam governar, mas que de um modo inequívoco aspirava à mais completa liberdade face ao que lhe era estranho e exterior.

Da Renascença até à contemporaneidade, encontramos associados à preservação desse laço que une Viriato e os lusitanos ao

destino histórico dos futuros portugueses, alguns dos nossos principais escritores, poetas e dramaturgos, podendo citar-se nomes como André de Resende, Damião de Góis, Francisco de Holanda, João de Barros, Luís Vaz de Camões, Brás Garcia Mascarenhas, Manuel de Figueiredo, Manuel du Bocage, Manuel de Aguiar, Guerra Junqueiro, Pinheiro Chagas, Teófilo Braga, Afonso Duarte, Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa, Aquilino Ribeiro, Miguel Torga, João Aguiar, José Jorge Letria, entre inúmeros outros. Estes associam-se aos nossos cronistas, memorialistas, historiadores, antropólogos, filólogos e geógrafos que, geração após geração, continuaram a estabelecer uma estreita relação entre os dois povos, impedindo assim a imposição de uma certa orfandade histórica dos portugueses por parte das correntes mais positivistas e materialistas de certos autores.

Segundo concluiu José Leon Machado, após uma certa desmistificação da figura de Viriato e da ascendência lusitana dos portugueses, iniciada por Alexandre Herculano e continuada por alguns dos seus seguidores, sucedeu-se um novo período apologético próximo da velha tradição renascentista². Essa nova fase interpretativa da origem lusitana de Portugal incorporava-se na perspectiva de Mendes Corrêa que, já no século XX, afirmou ser «inegável que os lusitanos constituem entre os indígenas históricos do território o núcleo mais importante da futura população portuguesa.»³ O próprio Teixeira de Pascoaes, em *Arte de Ser Português*, defendia que a alma lusíada, enquanto sinónimo de alma portuguesa, possuía uma dupla origem associada à genética e corografia peninsulares, representando Viriato uma espécie de semente fundacional de um Portugal porvir⁴.

Mas, afinal, quem foi Viriato? Esse intrépido caudilho, capaz de pela primeira vez unificar as várias tribos lusitanas, liderando-as até à vitória contra as poderosas legiões do exército invasor. Reivindicado historicamente por portugueses e espanhóis, os seus feitos universais representam a vontade, determinação, sacrifício, espírito de luta e desejo de liberdade na aspiração a uma autodeterminação e respectiva afirmação política e identitária.

² Machado (1999: 105).

³ Corrêa (1919: 75).

⁴ Pascoaes (1998: 53).

Comparado pelo célebre arqueólogo alemão Adolf Schulten a Armínio, Vercingétorix, Tacfarinas e Decébalos, todos eles heróis bárbaros conhecidos pela glória das múltiplas vitórias alcançadas sobre os invasores romanos, Viriato é igualmente alaudado por Octávio da Veiga Ferreira que, assumindo a superioridade do líder lusitano face a outros caudilhos seus congêneres, vê representada na sua figura «a verdadeira guerra contra Roma»⁵, feroz, violenta e determinada, valendo-lhe o epíteto de *Terror Romanorum*. Afinal, todos os povos precisam de uma lenda, tal como todas as batalhas precisam de um herói.

As grandes fontes históricas

Ao longo dos séculos, foram várias as origens apontadas a Viriato. As suas obscuras raízes nunca diminuíram o seu peso na história, pelo contrário. O modo como foi lembrado, através das crónicas escritas pelo lado inimigo, acabou por projectar através de planos distintos a imagem do líder lusitano na memória colectiva do Ocidente. Conforme vimos, grande parte do conhecimento geral face a esta figura histórica é, obviamente, absorvido do mito e da lenda, por via da tradição, transmitida em grande parte pela poesia e literatura, através de um registo essencialmente ficcional e fantasioso. Não obstante, não devemos negar-nos a descurar o lado histórico do herói, mergulhando nos anais da história, numa tentativa de resgatar a natureza humana de uma das personalidades mais marcantes da história peninsular.

Numa das suas obras, Mauricio Pastor Muñoz elencou as principais fontes antigas pelas quais podemos chegar até à configuração do Viriato histórico. Segundo este autor espanhol, a chave para o desvendamento dos mistérios relacionados com a vida e feitos de Viriato reside em Apiano de Alexandria, autor da famosa *História de Roma*, cujo capítulo VI foi integralmente dedicado à Hispânia e às Guerras Celtibéricas e Lusitanas⁶. Apesar de ser um «escritor confuso e desconhecedor da estratégia militar»⁷, ele fundamenta-se em Políbio e Possidónio de

⁵ Ferreira e Ferreira (1969: 163).

⁶ Muñoz (2006: 49).

⁷ Schulten (1927: 21).

Apameia, dois autores concorrentes nas suas análises e perspectivas, conseguindo transmitir uma visão pragmática dos feitos viriatinos, relacionando-os com várias condicionantes culturais e políticas, sem nunca deixar de destacar as qualidades de Viriato quanto à liderança e comando à frente das hostes lusitanas. Contrariamente a Apiano, Políbio era especialista em matérias militares, mas, tal como ele, realçava a coragem e génio estratégico de Viriato, partilhando uma visão bastante crítica face aos comportamentos e opções gerais dos romanos no contexto da guerra contra os lusitanos⁸. Uma posição diferente tinha Possidónio, na sua leitura interpretativa do conflito luso-romano, deturpando a tradição e a narrativa histórica, favorecendo a oligarquia imperial romana, isentando Cepião da culpa do assassinato de Viriato, atribuindo-a em exclusividade aos seus autores materiais⁹. Conservados através dos escritos de Estrabão e Diodoro, a importância histórica destes relatos revela-se inquestionável, sobretudo se considerarmos o conhecimento directo dos factos que ambas as partes nos revelaram.

Curiosamente, da descrição oficial romana da guerra contra os lusitanos, incluída nos *Anais* de Tito Lívio, apenas se conservam alguns extractos, graças a comentadores como Floro e Orósio, bem como pelos compêndios de autoria desconhecida, denominados *Periochae*, que nos resumem o essencial de cada um dos livros¹⁰.

Houve ainda outros autores clássicos que deixaram algumas referências acerca de Viriato, nomeadamente Justino, Eutrópio, Cícero, Lucílio ou Sílio Itálico. Díon Cássio destaca-se dos anteriores pela particularidade de ter escrito a sua *História de Roma* em grego, já por volta do século II.

Com efeito, conclui-se que para o estudo de Viriato apenas dispomos de fontes escritas de origem latina e grega, estando as origens destas consequentemente associadas aos seus inimigos, dado que por via da tradição oral ibérico-lusitana nada nos chegou relativamente ao líder lusitano¹¹.

⁸ Schulten (1927: 21).

⁹ Schulten (1927: 22).

¹⁰ Muñoz (2006: 50).

¹¹ Muñoz (2006: 50).

Sobre a crítica e interpretação destas fontes históricas, Mauricio Pastor Muñoz concluiu:

Na figura de Viriato oferecida pelas fontes clássicas é preciso diferenciar dois aspectos básicos: por um lado, vestígios da ideologia do «bom selvagem», que, sem ter sofrido as corrupções da sociedade e dos seus luxos supérfluos, leva uma vida austera e distante de excessos e, por outro, a enraizada concepção da necessidade de estes povos serem civilizados por Roma¹².

Apesar das diferentes abordagens interpretativas das fontes referidas, salienta-se o pormenor da unanimidade no que concerne à descrição de Viriato. Todas elas são omissas quanto aos seus antepassados ou a uma eventual descendência, realçando apenas «o estereótipo clássico que todos repetem»¹³ relativamente à sua vida, afirmando que primeiramente terá sido um pastor de origem humilde, tornando-se posteriormente um salteador, até finalmente se converter no indiscutível e irredutível líder militar.

Viriato histórico

Segundo um registo vago e impreciso, Diodoro aponta o local de nascimento de Viriato algures no extremo ocidente dos domínios romanos, sendo apenas seguro que a sua terra natal se situaria entre os rios Douro e Tejo. Igualmente pouco clara é a origem etimológica do nome Viriato. Aparentemente comum entre os lusitanos, grande parte dos investigadores parece ter convencionado e perfilhado de um modo algo romântico a natureza celta deste nome, associando-o a uma víria, isto é, um adorno semelhante a um torque ou bracelete, peças bastante apreciadas pela sociedade lusitana que evidenciavam o poder e o estatuto social de quem as envergava. As fontes coevas atestam sobretudo os feitos e atributos heróico-militares do pobre pastor de raízes humildes, transformado em líder, general e, por fim, rei.

A figura de Viriato emerge do anonimato após o infame massacre de 151 a. C., perpetrado por Sêrvio Sulpício Galba,

¹² Muñoz (2006: 104).

¹³ Muñoz (2006: 50).

personagem polémica e de poucos escrúpulos, conhecida pela sua longa experiência militar e excelente dom de oratória, a quem foi entregue por Roma o governo da Hispânia Ulterior, um importante território fronteiriço enquanto plataforma estratégica para a conquista e «pacificação» da grande Hispânia¹⁴. A província romana da Hispânia Ulterior localizava-se na região sul da Península Ibérica, ocupando os actuais territórios da Andaluzia espanhola e do vale de Guadalquivir. Fazia fronteira com o espaço geográfico historicamente atribuído aos lusitanos, compreendido *grosso modo* entre a margem norte do Tejo e a margem sul do Douro, balizando-se latitudinalmente entre o Atlântico a Oeste e os domínios dos carpetanos, vetões e galaicos a Este. Não obstante a ausência de concordância entre historiadores no que respeita a este assunto, todos acabam por citar Estrabão como a principal fonte primária utilizada para delinear os limites geográficos do território lusitano, apesar das várias interrogações e confusas observações existentes nos seus relatos¹⁵.

O início das acções militares de Galba, levadas a cabo contra os lusitanos, justifica-se, segundo fontes romanas, pela necessidade de proteger as comunidades romanizadas e os povos «pacificados». Tanto Oliveira Martins, como posteriormente Jaime Cortesão, sugeriam que uma das principais causas do antagonismo luso-romano derivava do choque económico-social gerado pela actividade pastorícia dos lusitanos e a tradição agrícola romana¹⁶. Contrapondo as posições historiográficas mais tradicionais, António Sérgio, através de uma visão materialista e depreciativa de Viriato e dos lusitanos inspirada pelos relatos de Diodoro da Sicília, enfatizou as respectivas naturezas guerreiras do líder e do seu povo. Assumindo que «o roubo seria para eles a maior das virtudes»¹⁷, caracterizou os lusitanos como um povo de pastoreio deixado à margem da civilização, invadindo-a quando necessário com o objectivo de a subjugar para dela viver parasiticamente¹⁸.

Com o escopo de combater e responder às violentas incursões lusitanas e silenciar as várias insurreições protagonizadas

¹⁴ Alberto (2006: 27).

¹⁵ Muñoz (2006: 82-84).

¹⁶ Consiglieri (1989: 24-25).

¹⁷ Consiglieri (1989: 25).

¹⁸ Consiglieri (1989: 25).

por tribos celtiberas, entretanto já subjugados à *pax romana*, mas reanimadas pelas recentes revoltas e ataques contra o invasor, Galba socorreu-se do apoio militar de Luculo, governador da Hispânia Citerior. Com este aliado, Galba conseguiu contrariar os reveses impostos pelos lusitanos nas primeiras confrontações, atraindo-os para um falso acordo, baseado na entrega de terras aos elementos insurrectos dispostos a depor as armas e capitularem. Uma vez satisfeitas as suas condições, Galba fez cercar e massacrar os lusitanos, desonrando, à boa maneira romana, o acordo previamente celebrado. Viriato estaria entre um grupo de lusitanos que escapou à carnificina, prometendo posteriormente, aos que o seguissem, vingar as vítimas da perfídia de Galba. Terá sido assim que, segundo Adolf Schulten, «surgiu o vingador e salvador dos lusitanos: Viriato»¹⁹.

Floro refere as pretensões de Viriato em tornar-se um «Rómulo da Hispânia». Contudo, esta posição parece-nos pouco verosímil. Paulo Farmhouse Alberto considera que «Viriato terá representado mais que um chefe de um bando de saqueadores que se abatiam sobre populações mais ricas sob o domínio romano»²⁰, acrescentando que, na realidade, ele «lutou contra o poder expansionista de Roma»²¹, assumindo um papel de herói libertador, não só para os lusitanos, como para os vários povos da grande Hispânia. Adolf Schulten chama mesmo ao conflito travado entre lusitanos e romanos, «A Guerra da Independência de Viriato»²², uma nomenclatura algo exagerada que poderá remeter-nos para uma ideia fantástica de uma Lusitânia una, constituída sob a forma de um reino politicamente organizado. Ainda assim, não deixa de ser historicamente notória a união dos lusitanos, plasmada pelo consenso no momento da sua aclamação enquanto líder incontestado.

Schulten salientou as qualidades militares de Viriato, afirmando que este «conhecia as montanhas do seu país até ao recanto mais longínquo»²³ e que mesmo em território estrangeiro

¹⁹ Schulten (1927: 31).

²⁰ Alberto (2006: 38).

²¹ Alberto (2006: 38).

²² Schulten (1927: 34).

²³ Schulten (1927: 34).

ou desconhecido «sabia escolher o plano conveniente segundo o lugar, e o lugar conveniente segundo o plano»²⁴.

A estratégia militar lusitana, tão gabada por Apiano e Frontino, tem uma raiz claramente anterior às chamadas Guerras Viriatinas. São vários os autores que referem a questão do mercenarismo, uma actividade bastante comum entre os povos hispanos. A natureza aparentemente inata para o conflito menos convencional ou de guerrilha, a facilidade de mobilidade demonstrada entre os ataques e as fugas alternadas, a capacidade de desequilibrar devido à adaptação ao terreno, ou o modo de evitar os perigos e a surpresa, tinham uma origem e tradição ibéricas, herdadas pelos experientes povos autóctones que, procurando alguma fortuna, se alistavam nas mais diversas campanhas militares da altura, como, por exemplo, as de Aníbal. Sobre este tipo de táticas de guerrilha, Schulten recorda: «Os romanos negavam um nome honesto a esta guerra, chamavam-lhe “*latrocinium*” e aos guerrilheiros “*latrones*”, mas temiam-na acima de tudo porque nela pereciam os seus exércitos»²⁵.

O exército lusitano, composto por dois corpos distintos, infantaria e cavalaria, desequilibrava especialmente através das suas montadas. A destreza dos cavaleiros lusitanos, aliada à rapidez dos seus cavalos, era bastante temida pela deficiente cavalaria romana, mais pesada e dotada de uma menor capacidade de mobilidade²⁶. Os cavalos bravos da Ibéria, usados pelos homens de Viriato, tornaram-se por isso tão famosos entre os romanos, originando entre eles a crença de que as éguas lusitanas seriam fecundadas pelo vento Zéfiro, dotando aqueles animais de características mágicas e sobrenaturais. Na realidade, Roma encontrou em Viriato e nas suas tropas um poderoso adversário que, não estando provavelmente tão bem equipado e adestrado como as famosas legiões, possuía alguns trunfos, entre os quais uma maior familiaridade com o terreno em que se movimentavam, bem como um óptimo conhecimento da organização e estratégia militar romana, associado a uma vasta experiência bélica conquistada em tempos nas mesmas fileiras de combate.

²⁴ Schulten (1927: 34).

²⁵ Schulten (1927: 58).

²⁶ Rodrigues (1998: 291).

No terceiro volume de *Religiões da Lusitânia*, Leite de Vasconcelos recorda que Viriato «começou os seus feitos de armas fora da Lusitania, na Turdetania»²⁷, vencendo Vetílio, outro romano de má memória para os lusitanos, entretanto capturado e executado por ser visivelmente um velho obeso e sem valor. Os sucessos de Viriato sucederam-se no campo de batalha, passando o seu nome a ser motivo de terror, tanto por parte de romanos, como por parte de todos aqueles que apoiavam a potência invasora.

Após aterrorizar a Carpetânia dominada pelos romanos, Viriato é defrontado por Pláucio, sucessor de Vetílio no governo da Hispânia Ulterior. Verificam-se vários confrontos e nada parece conseguir parar o ímpeto lusitano, obrigando Roma a enviar para a Hispânia, em 145 a. C. um exército consular, comandado por Fábio Máximo Emiliano²⁸. Irmão de Cepião Emiliano, chefe militar notabilizado pelo assédio a Numância, o novo cônsul preparou as suas tropas para combaterem as forças viriatinas. Deste modo, após o Inverno de 145-144 a. C., Fábio intensifica os ataques contra os lusitanos, apoiado pelo governador da Hispânia Citerior, conseguindo algumas vitórias importantes, obrigando Viriato a perder várias posições e a retirar-se da região de Guadalquivir.

Com o regresso de Fábio Máximo Emiliano a Roma, a Hispânia Ulterior fica entregue ao pretor Quíncio, um ilustre desconhecido, obrigado a lidar com a sublevação de outros povos extremamente aguerridos, como era o caso dos arevacos. Segundo Apiano, estes ataques contra Roma foram causados pelo esforço subversivo de Viriato, procurando criar novos focos de resistência contra os exércitos invasores²⁹. Inicia-se assim a segunda fase das guerras da Celtibéria, assolando a Hispânia Citerior durante os dez anos seguintes.

Preocupado e alarmado com a situação vivida na Hispânia, o Senado romano destaca para a região o cônsul Quinto Cecílio Metelo Macedónio, acompanhado por um poderoso exército constituído por cerca de 30 000 homens e 2000 cavaleiros³⁰.

²⁷ Vasconcelos (1989: 119).

²⁸ Alberto (2006: 40-41).

²⁹ Alberto (2006: 43).

³⁰ Muñoz (2006: 169).

Viriato era já por esta altura uma lenda em toda a Hispânia. Os seus aliados veneravam-no e os inimigos temiam-no, enquanto Roma desesperava.

Só o envio de Quinto Fábio Máximo Serviliano, como pro-cônsul, acompanhado por mais um exército, conseguiria levar os romanos a repelir os lusitanos, mas por pouco tempo. Entre uma guerra de avanços e recuos, o desânimo e a desmoralização das tropas era muito mais sentido do lado romano. Acantonados nos acampamentos militares e com cortes no abastecimento de víveres, ou surpreendidos pelos contra-ataques característicos dos lusitanos após as suas retiradas encenadas, os romanos que previamente conquistaram algumas cidades a Viriato, viram-se obrigados a retirar.

Não obstante as dificuldades enfrentadas no combate a Viriato, surgem igualmente alguns focos de desagregação dentro do exército romano, aparecendo grupos de bandoleiros constituídos e liderados por desertores que ora saqueavam as populações lusitanas mais ricas, ora atacavam e roubavam as próprias tropas romanas. Cúrio e Apuleio seriam dois desses chefes saltadores que, apesar de desprovidos de qualquer interesse ou motivação política, tornavam a situação na Hispânia ainda mais caótica e insustentável para Roma³¹. Serviliano viu-se deste modo obrigado a aplicar medidas extremamente brutais contra os seus inimigos, sentenciando à morte e escravatura os legionários desertores, lusitanos rebeldes e seus respectivos aliados.

Beneficiando astutamente daquela conjuntura, Viriato prossegue com a estratégia delineada, tomando de surpresa a cidade de Erisane, repelindo o exército consular que foge em debandada. Perseguindo-o, acaba por encurralá-lo, prevendo-se aquele que seria o maior triunfo de Viriato sobre os romanos. É então que acontece o impensável.

Mostrando clemência e misericórdia perante o inimigo que prometera sempre odiar, Viriato aceita a capitulação de Serviliano que acede às suas condições. Conforme descreveu Mauricio Pastor Muñoz: «A partir dessa altura, romanos e lusitanos respeitariam os limites e fronteiras de ambos os povos, estabelecidos a partir da ocupação existente»³². Num volte-face

³¹ Muñoz (2006: 172).

³² Muñoz (2006: 174).

inimaginável, Viriato vê-se agraciado com o título de *amicus populi romani*, conquistando a independência de todo território que então dominava, incluindo algumas regiões da Bética para onde se expandira. De forma espantosa, este tratado foi mesmo ratificado pelo Senado romano, passando Viriato a ser reconhecido como rei.

Não existindo grandes certezas históricas sobre o móbil que terá levado Viriato à aceitação deste acordo de 140 a. C., conjecturam-se algumas hipóteses. Alguns autores perfilham a ambição do caudilho lusitano em ser coroado rei, antevendo-se aqui uma certa vontade de associar este momento à gênese da vontade criadora de um reino que, mais tarde, seria materializada pela fundação de Portugal. Outros advogam a existência de cisões dentro do núcleo lusitano-viriatino, fazendo-o temer pelo sucesso militar caso a guerra continuasse. Apiano, enquanto única fonte clássica a fazer referência a este episódio, afirma que Viriato foi movido pela benevolência e não pela vaidade e ambição, elogiando-o hipocritamente pela ausência de orgulho na sua vitória.

Provavelmente, nunca saberemos o verdadeiro motivo deste tratado de paz, mas face à natureza do inimigo com o qual foi celebrado, este apenas poderia ser classificado de suicida. Viriato, mais do que ninguém, deveria ter presente a ausência de carácter e compromisso por parte dos romanos, no que toca ao cumprimento dos acordos que celebravam. Afinal, ele seria um dos sobreviventes do massacre de Galba.

Esta «paz vergonhosa», conforme a descreveu Tito Lívio, representa uma das raras vezes, senão a única, em que Roma ratifica um tratado em termos de igualdade com a parte contrária, instalando um certo mau estar no seio do Senado. Talvez por isso, a paz não haveria de durar muito tempo.

Logo em 139 a. C., com a sucessão de Quinto Servílio Cepião ao seu irmão Fábio Máximo Serviliano, no lugar de procônsul da Hispânia Ulterior, iniciaram-se algumas acções belicosas contra Viriato, consentidas pelo Senado. A desculpa era simples. O tratado celebrado um ano antes era contrário à honra de Roma. Simultaneamente, Marco Popílio Lenas, procônsul da Hispânia Citerior, quebra também o acordo de paz celebrado com os numantinos. Estava a Hispânia de novo a ferro e fogo.

Os lusitanos poderiam ter continuado a resistir, mas, aparentemente, o cansaço de várias décadas de conflito impelia-os a primeiramente encontrar uma solução diplomática. António de Vasconcellos fala mesmo numa ponderação por parte de Viriato, face aos males da guerra e ao sofrimento dos povos³³.

Procurando negociar a paz com Lenas, Viriato assume que as exigências do governador da Hispânia Citerior são por demais humilhantes aos olhos do intrépido caudilho que acaba por abandonar o acampamento inimigo, voltando a refugiar-se nas suas montanhas.

Sucederam-se novas negociações com os romanos, agora com Cepião que acabara de regressar de uma campanha no território dos galaicos. Desta feita, Viriato delegara as funções diplomáticas em três homens da sua confiança, cujos nomes sabemos hoje graças aos relatos de Apiano e Tito Lívio: Audax, Ditalco e Minuro. À boa maneira romana, Cepião apercebe-se que seria mais fácil livrar-se de Viriato através da traição e do assassinato, conseguindo para isso corromper a lealdade dos enviados lusitanos, aliciando-os com terras e outros ganhos pessoais.

«A ambição seduziu-os»³⁴. De regresso ao acampamento, os três traidores penetram na tenda de Viriato, surpreendendo-o num dos seus raros momentos de repouso. Dirigindo-se, de forma determinada, em direcção ao herói, apunhalaram-no mortalmente no pescoço. João Aguiar, no seu romance *A Voz dos Deuses*, descreve de uma forma aproximada os acontecimentos que se seguiram ao caos que se instalou no acampamento lusitano após a descoberta do corpo jacente e sem vida de Viriato:

Quando a desordem e o pânico diminuíram um pouco, quando finalmente foi possível reunir todos os guerreiros, só três homens faltaram à chamada. Audax, Ditalco e Minuro tinham desaparecido e com eles a sua bagagem e os cavalos. [...] Os assassinos iam longe, a caminho da Bética para reclamar a Cepião a paga do seu crime³⁵.

³³ Vasconcellos (1894: 62).

³⁴ Vasconcellos (1894: 63).

³⁵ Aguiar (2007: 340).

Fugindo de imediato do seio lusitano para reclamarem o seu prémio, os três traidores acabam repelidos, sendo-lhes negada qualquer recompensa: «Roma não costuma premiar os soldados que assassinam o seu general»³⁶.

De forma dissimulada ou verdadeira, Roma criticou duramente o assassinato de Viriato, considerando tal acto como indigno e vergonhoso. Porém, não deixa de ser verdade que só através da sua vil e desprezível corrupção é que Roma conseguiu desenvencilhar-se de um dos seus maiores inimigos. Um feito até aí sempre negado aos seus poderosos exércitos.

Num acto trágico e vergonhoso, desaparecia o líder de um povo que aspirava à sua identidade, dando lugar ao mito e à lenda intemporal de inspiração universal. General formidável, símbolo libertador da grande Hispânia e precursor da fundação da nacionalidade portuguesa, inspirou os povos na luta contra o invasor, vencendo os poderosos exércitos romanos com os poucos recursos de que dispunha. Eclipsou-se o herói, mas ficou na memória, ou na fantasia, a semente da vontade e determinação de um povo.

O mito de uma antemanhã portuguesa

Ao analisarmos as fontes clássicas, consagradas à memória de Viriato, deparamo-nos com aquilo a que António de Vasconcellos apelidou de ressurreição de uma personagem homérica no alvor dos tempos históricos³⁷. Os feitos vitoriosos de Viriato levados a cabo contra o Golias romano agigantam o pequeno David lusitano, projectando na realidade histórica a concepção mitológica do herói, chefe militar e rei desejado, transformado em estandarte de um povo ainda sem bandeira.

Também Pascoaes considerava Viriato, enquanto figura de dimensão homérica, uma vivificação da singularidade «daquela Alma primitiva que, dentre a confusão das raças da Ibéria, ergueu bem alto a sua presença livre e inconfundível»³⁸, posteriormente emancipada pela acção criadora de D. Afonso Henriques.

³⁶ Vasconcellos (1894: 65).

³⁷ Vasconcellos (1894: 69).

³⁸ Pascoaes (1998: 53).